

APRENDER NA HORTA COMUNITÁRIA: DIÁLOGOS ENTRE AGRICULTURA URBANA E FORMAÇÃO DE PROFESSORES

Lilian Alves Schmitt ¹

RESUMO

O que professoras em formação podem aprender com as experiências de uma horta urbana comunitária? Este trabalho tem como objetivo descrever as ações realizadas pelo projeto “Diálogos e Coproduções entre Agricultura Urbana e Formação Docente”, realizado com estudantes de Pedagogia e professores da rede municipal bolsistas do Programa de Iniciação à Docência (subprojeto Alfabetização) de uma universidade localizada na cidade de Porto Alegre/RS. Foram realizados encontros formativos sobre educação ambiental com o grupo de estudantes e professoras. Os diálogos foram embasados em leituras como Carvalho (2021), Dos Santos (2023), Freire (1989) e Schmitt (2023). A formação desenvolvida envolveu encontros teóricos, saída de estudos e escritas reflexivas sobre a experiência. Reafirmou o potencial formativo das experiências de aprendizagem situadas nas práticas comunitárias coletivas. A possibilidade da mediação dos conhecimentos populares da comunidade da Horta Comunitária junto às estudantes das licenciaturas bolsistas do PIBID ocasiona impactos positivos tanto na comunidade de prática em questão – que busca a articulação para a visibilização do movimento de agricultura urbana – quanto para as futuras docentes, que podem encontrar na experiência comunitária outras formas de significar suas professoralidades. As aprendizagens podem reverberar na produção de novas formas didáticas e experiências educativas refletidas a partir das pedagogias populares.

Palavras-chave: Educação Ambiental, Formação de Professores, Horta Comunitária.

INTRODUÇÃO

Este trabalho tem como objetivo descrever as ações realizadas pelo projeto “Diálogos e Coproduções entre Agricultura Urbana e Formação Docente” que foi realizado com estudantes de Pedagogia e professores da rede municipal bolsistas do Programa de Iniciação à Docência - subprojeto Alfabetização - de uma universidade localizada na cidade de Porto Alegre/RS. O conjunto de inserções formativas ocorreu em 2025, apresentando como objetivos: Promover a aproximação entre estudantes de licenciatura e o trabalho de movimentos sociais envolvidos com o tema da educação ambiental a agricultura urbana; Visibilizar as aprendizagens produzidas a partir do diálogo com as trajetórias de mulheres que

¹ Professora da Universidade Federal do Rio Grande – FURG. Trabalho realizado a partir das atividades do projeto de Pós-Doutorado “Diálogos e coproduções entre agricultura urbana e formação docente” desenvolvido no Programa de Pós-Graduação em Educação da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul e financiado pelo Edital CNPq PDJ 32/2023. Email: lilian.schmitt@gmail.com



são lideranças com experiência em espaços comunitários de agricultura urbana; Refletir sobre as experiências de aprendizagem das comunidades de práticas implicadas nos encontros.

O projeto deu continuidade às reflexões sobre as experiências formativas da pesquisa intitulada “Aprender (n)a horta urbana: práticas e experiências em comunidade” (Schmitt, 2021), que apresentou como objetivo geral conhecer as experiências de aprendizagem no contexto de uma horta urbana comunitária. Ao longo da pesquisa de Schmitt (2021), apresentamos uma noção ontológica de aprendizagem, baseada na participação em uma prática compartilhada com outros humanos e não humanos para pensar a educação de sujeitos mais sensíveis à pauta ambiental e politicamente engajados. A partir deste trabalho foram sistematizadas experiências de aprendizagem de um grupo de jovens mulheres, refletindo-se sobre esse inventário de experiências que se deram a partir de um espaço comunitário cujo fio condutor da ação educativa pedagógica é a temática ambiental, a Horta Comunitária da Lomba do Pinheiro, em Porto Alegre, RS. A partir do estudo, entendemos que as experiências de aprendizagens dos praticantes referem-se às práticas de técnicas relacionadas à horticultura no espaço urbano e também às experiências de aprendizagem que provocam deslocamentos de ordem subjetiva, que se referem tanto a habilidades em termos sensíveis quanto ao desenvolvimento de habilidades em termos políticos (Schmitt, 2021). Aprender (n)a horta urbana, com a experiência em comunidade, possibilitou a produção de habilidades em termos do cultivo de plantas de modo agroecológico, mas, principalmente, desenvolveu habilidades em termos de abertura ao outro, ao diálogo, capacidade de negociação e reflexividade sobre a complexidade do que é viver em sociedade nos interlocutores acompanhados (Schmitt, 2021). Além de situar-se na esteira destas reflexões, a proposição do projeto resulta também dos caminhos percorridos como professora da educação básica e educadora ambiental cuja atuação envolveu diferentes espaços educativos. Tais percursos profissionais me levam à compreensão de que enquanto professores e trabalhadores da área da educação temos ainda muito o que conhecer sobre as experiências de aprendizagem que acontecem e se desenvolvem fora das instituições tradicionalmente vistas como os templos do saber – escolas e universidades. Partimos da compreensão de que pensar a educação envolve conduzir para o/s mundo/s ao entorno, o que distancia de uma posição fixa, nos deslocando a outras posições ou perspectivas (Schmitt, Albiero e Carvalho, 2023) - incluindo aí posições fora do espaço escolar. O exercício da atenção faz dos encontros momentos de aprendizagem. Temos defendido (Schmitt, Albiero e Carvalho, 2023) que trazer a educação de volta à vida é levar os estudantes para fora, para o mundo, caminho oposto ao buscar apenas o acúmulo de informação dentro de suas mentes. Aqui não invalidamos, por óbvio, a articulação teoria-



prática, mas estamos ponderando a necessidade de conexões mais ampliadas com o mundo da vida, e isso inclui às experiências junto às diferentes comunidades.

Se em alguns momentos da década de 1980 e 1990 tratava-se da crise ambiental e climática como algo que estava a caminho, hoje sabemos que o que nos cabe é aprender a lidar com o irreversível que se apresenta, tentando conjecturar novos modos de viver. Adotar essa perspectiva é compreender que a resposta às questões ambientais não será aquela de uma humanidade reconciliada (Stengers, 2015), mas será aquela que depende do repovoamento de um mundo que foi devastado e hoje precisa restabelecer capacidades coletivas de pensar, imaginar e (re)criar. As ações de trabalho partiram do entendimento que tais capacidades coletivas podem ser aprendidas e desenvolvidas nas práticas em coprodução com espaços e sujeitos que manejam a vida de modos coletivos. Elencamos uma noção de aprendizagem baseada na participação em uma prática social situada. Estamos entendendo que aprender a viver de um modo diferente do que temos vivido, mais próximos do que chamamos sustentabilidade, passa por vincular-se à práticas sociais e coletivas que produzem relações sustentáveis com o ambiente e entre as pessoas (Schmitt, Pereira e Carvalho, 2024). No contexto em que vivemos, praticar modos de existência pautados pela sustentabilidade configura uma resistência às lógicas que o capitalismo assume em nossas sociedades. Lógicas que produzem a dissociação individualista entre os sujeitos e seus meios, nos distintos territórios (Schmitt, 2021). Para compreender como se tornam possíveis espaços sociais de aprendizagem que conseguem ser efetivos, criando dissonâncias em relação às formas hegemônicas e insustentáveis, uma noção chave que assumimos é a de comunidade de prática, proposta pela antropóloga Jean Lave (1991) em sua teoria da aprendizagem situada. Desde tal perspectiva, uma comunidade de prática é um conjunto de relações entre pessoas, atividades e o mundo em que vivem ao longo do tempo e em relação a outras comunidades de prática tangenciais e sobrepostas. Uma comunidade de prática pode ser pensada como uma dinâmica de prática cultural contínua e recursiva, constituída por seus participantes em um processo generativo de permanente mudança. A comunidade de prática, nesta perspectiva, é a condição de possibilidade da aprendizagem (Lave, 1991, 2019). As práticas de horticultura urbana nas cidades, a depender de seus objetivos e intencionalidades políticas, podem vir a se constituir como comunidades de práticas no que se refere aos debates, desde uma perspectiva crítica, da situação de desigualdade ambiental. É isso que temos discutido a partir dos escritos de Schmitt (2018; 2021), Carvalho, Schmitt e Pereira (2021) e Schmitt, Pereira e Carvalho (2024).



METODOLOGIA

Ao longo dos meses de maio e junho de 2025 foram realizados três encontros com o grupo de professoras e estudantes do Programa de Iniciação à Docência da Pedagogia – subprojeto Alfabetização. O cronograma do ciclo de formação incluiu as seguintes atividades:

- Encontro 1 - Diálogos e coproduções entre agricultura e formação docente -** Este encontro teve como objetivo a reflexão teórica sobre educação ambiental em suas relações com o tema da alfabetização. Dentre outros conceitos, embasou a primeira parte deste encontro as noções de educação da atenção (Ingold, 2010) e leitura de mundo (Freire, 1989). No segundo momento do encontro situamos o debate na experiência apresentada pelos achados da tese *Aprender (n)a horta urbana: práticas e experiências em comunidade* (Schmitt, 2021). A exposição dialogada teve como intuito desenvolver um dos objetivos do projeto, a saber, visibilizar as aprendizagens produzidas a partir do diálogo com as trajetórias de mulheres que são lideranças com experiência em espaços comunitários de agricultura urbana;
- Encontro 2 - Diálogos e coproduções entre agricultura e formação docente – Saída de Campo** O segundo encontro teve como objetivo propor a experiência de contato direto no espaço da Horta Comunitária da Lomba do Pinheiro, Porto Alegre – RS. Nele as estudantes da Licenciatura e professoras da rede de Porto Alegre vinculadas ao subprojeto PIBID Alfabetização puderam visitar o espaço da Horta Comunitária tendo sido guiadas pela comunidade para uma trilha de reconhecimento de plantas companheiras, visita ao viveiro de mudas e para uma roda de conversas sobre os objetivos e práticas educativas realizadas pela Horta Comunitária. Embasaram o encontro a noção de trazer de volta à vida as práticas pedagógicas (Schmitt, Albiero e Carvalho, 2023), o conceito de confluência (Dos Santos, 2023) e capitaloceno (Haraway, 2023). Estes conceitos acadêmicos foram sendo situados ao longo das conversas conduzidas pela pesquisadora;
- Encontro 3 - Diálogos e coproduções entre agricultura e formação docente – Reflexões coletivas sobre o vivido -** O terceiro encontro foi realizado nas dependências da Universidade e nele realizamos uma roda de conversa para significar o vivido e refletir sobre estratégias de adesão às práticas observadas na Horta Comunitária.



REFERENCIAL TEÓRICO

Os problemas ambientais derivados do contínuo processo de expansão das cidades afetam de modos distintos as diferentes classes sociais (Acsehrad, 2002). As dificuldades relacionadas ao saneamento básico e a escassez de alimentos de qualidade entre os mais pobres são apenas dois exemplos dos inumeráveis problemas ambientais ainda atuais e que necessitam ser enfrentados (FAO, 2010; FAO, 2017). Historicamente o desenvolvimento das hortas urbanas surge como possibilidade para tentar combater a insegurança alimentar. Estudos como os de Miriam Hermi Zaar (2011; 2015) mostram que o cultivo de hortas urbanas está ligado aos períodos de crise alimentar que tomaram países ocidentais durante o século XX. Entre as crises alimentares citadas pela autora estão as duas guerras mundiais e a guerra civil espanhola, que nos contextos de sua ocorrência implicaram na interrupção do circuito de produção e comercialização de alimentos, provocando períodos de escassez alimentar que se prolongaram aos períodos de pós-guerra. Os objetivos para o cultivo de hortas urbanas variam conforme as regiões onde localizam-se, podendo nascer de necessidades pontuais de cuidados com a alimentação – desejo da minimização da ingestão de produtos industrializados e agrotóxicos vinculados ao cultivo convencional –ou ainda, principalmente em áreas vulneráveis, relacionar-se com o argumento (e necessidade) do acesso à alimentação básica. Independente do objetivo, o fato é que essa tendência tem se ampliado e as pessoas estão cultivando pequenas hortas, seja no pátio de suas casas ou em hortas coletivas ou comunitárias, nas áreas comuns dos prédios ou em espaços públicos. Tal demanda fica expressa, por exemplo, na recente notícia de que em setembro de 2023, o atual presidente Luís Inácio Lula da Silva, em consonância com a política do Fome Zero de sua primeira gestão, cria o Programa Nacional de Agricultura Urbana e Periurbana, atendendo às solicitações das comunidades periféricas ligadas à iniciativa de cultivo agroecológico. É importante salientar que a preocupação com a soberania alimentar, com a mudança de hábitos de consumo, e com certa performance ecológica, é também algo que se insere dentro de uma mudança cultural que vem acontecendo desde a década de 1970, uma internalização da pauta ambiental, denominada processo de ambientalização. A ambientalização refere-se ao processo de internalização da questão ambiental nas esferas sociais e também na consciência dos indivíduos. Move-se pelo crescente reconhecimento da legitimidade de um campo de preocupações socioambientais na esfera pública, e produz um habitus ecológico que, por muitos motivos, inclusive mercadológicos, tende a se generalizar em diferentes medidas, afetando diversos campos



sociais. Assim, a literatura sobre os movimentos sociais nas últimas décadas tem, cada vez mais, chamado à atenção para a incorporação de uma agenda ambiental por uma série de lutas sociais (Carvalho, Farias e Pereira, 2011). O movimento da agricultura urbana entrelaçado às práticas de educação ambiental faz parte desse processo, e de certa forma introduz discussões interessantes ao tensionar novas formas de se viver no espaço urbano, avançando o debate no que se refere à luta pelo direito de acesso à cidade.

Situando a experiência vivida na Horta Comunitária da Lomba do Pinheiro, com este agrupamento de humanos e não humanos, temos coproduzido pesquisas sobre aprendizagens em contextos de movimentos sociais de agricultura urbana, tendo tido (Schmitt, 2021) como objetivo ampliar as discussões e estabelecer proposições de pesquisa sobre formação de professoras e a relação com tais espaços não institucionais de aprendizagem.

As iniciativas de Hortas Comunitárias situadas nas periferias das metrópoles que se configuram como comunidades de práticas pelo fato de promoverem histórias de aprendizagem compartilhadas na medida em que produzem condições de possibilidade para ampliação da relação entre humanos e não humanos. Ainda, no caso da experiência que tenho acompanhado e de outras iniciativas da cidade de Porto Alegre, os espaços se circunscrevem em torno de demandas pautadas pela busca por simetria nas relações socioambientais, fato também observado em pesquisas correlatas realizadas em outras capitais do país como a de Ornelas (2025). Estas discussões destacam o caráter proliferativo das experiências em comunidade, salientando a diversidade é extremamente relevante na formação humana. Como destaca Antônio Bispo dos Santos (2023, p.29) “enquanto a sociedade se faz com os iguais, a comunidade se faz com os diversos”.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Ao longo dos encontros as estudantes foram significando a experiência e trazendo pistas sobre aquilo que destacam da experiência.

Sentadas ao redor de uma enorme mesa, ouvimos uma fala emocionante sobre ecologia, vida, fé e a beleza da natureza. (...) As palavras ditas por Lurdes (líder comunitária) tocaram profundamente meu coração, despertando lembranças da infância e sonhos adormecidos de uma admiração renovada por nosso planeta. Como destaca Richar Louv o contato com a natureza reativa memórias afetivas e sensoriais fundamentais para o bem-estar e o desenvolvimento do humano integral. Hortelã – Estudante de Pedagogia



Destaco que Dona Lurdes fala sobre política, meio ambiente e sobre feminismo. Fala sobre o poder de união das mulheres frente à ambição das empreiteiras... Ela fala da valorização de uma vida mais simples... Melissa – Estudante de Pedagogia



Cenas dos encontros de formação. Fotos: Lilian Alves Schmitt

As experiências vividas no âmbito do projeto fortalecem a relevância da ampliação do contato dos estudantes com as comunidades engajadas em práticas ambientais. *Aprender (n)a horta urbana*, com a experiência em comunidade, possibilita a produção de habilidades em termos do reconhecimento e do cultivo de plantas, mas, principalmente, desenvolve habilidades em termos de abertura ao outro, ao diálogo, capacidade de negociação e reflexividade sobre a complexidade do que é viver em sociedade. Ademais, as experiências comunitárias reverberaram em aprendizagens políticas significativas para futuras professoras alfabetizadoras, visto que, por exemplo, por meio da visita puderam conhecer na prática o efeito indireto de políticas públicas tais como o Fome Zero e suas implicações nos territórios periféricos. O grupo participante desdobrou estas aprendizagens nos planejamentos seguintes propostos nas diferentes escolas em que atuam na cidade de Porto Alegre. Estes planejamentos versaram sobre o tema da leitura de mundo e das palavras a partir da realidade ambiental de cada escola. Práticas de plantio, contação de histórias e projetos de educação antirracista foram alguns dos efeitos desencadeados por este momento de formação.



CONSIDERAÇÕES FINAIS

O projeto desenvolvido reafirma o potencial formativo das experiências de aprendizagem situadas nas práticas comunitárias coletivas. A possibilidade da mediação dos conhecimentos das comunidades junto às estudantes das licenciaturas bolsistas do PIBID ocasiona impactos positivos tanto na comunidade de prática em questão – que busca a articulação com sujeitos em diferentes campos de prática para a visibilização do movimento de agricultura urbana, quanto para as futuros docentes, que podem encontrar na comunidade outras formas configurar suas experiências de aprendizagem reverberando na produção de novas formas e experiências educativas que levem em consideração a realidade material e ambiental onde – como seres humanos – nos encontramos situados.

Em que pese a complexidade da crise ambiental que temos vivido e entendendo que esta não será ultrapassada por ações pontuais, evidenciamos que a universidade precisa seguir encarando seu papel de formação para a ação política engajada com as comunidades periféricas neste enfrentamento e foi neste sentido que coproduzimos estas práticas ao longo dos encontros de formação.

AGRADECIMENTOS

Agradeço ao CNPq pelo fomento concedido por meio do Edital PDJ 32/2023 sem o qual esta experiência não seria possível. Agradeço à Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, em especial ao Programa de Pós-Graduação em Educação por acolher este projeto e fornecer as condições necessárias ao desenvolvimento do trabalho. Agradeço à Professora Dra. Edla Eggert pelo suporte e apoio necessário. Agradeço às estudantes da Licenciatura em Pedagogia participantes da experiência pela abertura e pelas reflexões compartilhadas. Agradeço à Professora Rosane Zimmer, coordenadora do PIBID Pedagogia subprojeto Alfabetização pela disposição e parceria. Agradeço à comunidade da Horta Comunitária Lomba do Pinheiro - comunidade além humana - que mobiliza a pensar e propor práticas educativas conectadas à sustentabilidade.

REFERÊNCIAS

ACSELRAD, Henri. Justiça ambiental e construção social do risco. **Desenvolvimento e Meio Ambiente**, v. 5, 2002.

CARVALHO, Isabel Cristina Moura; FARIAS, Carmen Roselaine; PEREIRA, Marcos Villela. A missão "ecocivilizatória" e as novas moralidades ecológicas: a educação ambiental entre a norma e a antinormatividade. **Ambient. soc.**, São Paulo, v. 14, n. 2, p. 35-49, 2011.



CARVALHO, Isabel Cristina de Moura; SCHMITT, Lilian Alves; & PEREIRA, Marcos Villela. Educação e sustentabilidade: aprendizagens em uma horta urbana. **Pedagogía Social Revista Interuniversitaria**, v. 37, p. 173-183. 2021. Disponível em: <https://recyt.fecyt.es/index.php/PSRI/article/view/80518> Acesso em: jan. de 2026.

DOS SANTOS, Antônio Bispo; PEREIRA, Santídio. **A terra dá, a terra quer**. Ubu Editora, 2023.

FAO - **FOOD AND AGRICULTURAL ORGANIZATION**. La lucha contra el hambre y la pobreza: Perspectivas económicas y sociales. Informes de Política, v.10, p.1-2, 2010. Disponível em: <http://www.fao.org/docrep/012/al377s/al377s00.pdf>. Acesso em: 20 de fevereiro de 2026.

FAO - **FOOD AND AGRICULTURAL ORGANIZATION**. Comité de Agricultura. Agricultura urbana. 2017. Disponível em: <http://www.fao.org/urban-agriculture/es/>. Acesso em: 20 de janeiro de 2026.

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler**: Em três artigos que se completam São Paulo: Autores Associados, 1989.

HARAWAY, Donna. **Ficar com o problema**: fazer parentes no Chthuluceno. São Paulo: n-1 edições, v. 320, 2023.

INGOLD, Timothy. Da transmissão de representações à educação da atenção. **Educação**, [S. l.], v. 33, n. 1, 2010. Disponível em: <https://revistaseletronicas.pucrs.br/faced/article/view/6777>. Acesso em: 20 jan. 2026.

INGOLD, Tim. **Antropologia: para que serve?** Editora Vozes, 2019.

LAVE, Jean.; WENGER, Wenguer. **Situated learning**: legitimate peripheral participation. New York: Cambridge University Press. 1991.

LAVE, J. (2019) **Learning and Everyday Life**: Accses, Participation, and Changing Practice (1a . ed.). Cambridge, United Kingdon: Cambridge University Press.

ORNELAS, Gabriel Mattos. **Fios, redes e tramas de aprendizagens**: agroecologia urbana e convivência comunitária na Horta Alto das Antenas. 2025. Tese (Doutorado em Educação – Conhecimento e Inclusão Social) — Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2025. Disponível em: <https://repositorio.ufmg.br/items/2276d2b9-3200-4bb7-948b-cee9be3faae2>. Acesso em: 2 mar. 2026.

SCHMITT, Lilian Alves. *Aprender (n)a horta urbana: práticas e experiências em comunidade*. 2021. Tese (Doutorado em Educação) — Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Escola de Humanidades, Programa de Pós-Graduação em Educação, Porto Alegre, 2021. Disponível em: <https://tede2.pucrs.br/tede2/handle/tede/9727>. Acesso em: 22 fev. 2026.

SCHMITT, L. A.; ALBIERO JUNIOR, A.; CARVALHO, I. C. de M. Trazendo a Prática da Educação em Ciências e em Biologia de Volta à Vida. **Educação & Realidade**, [S. l.], v. 48, 2023. DOI: 10.1590/2175-6236125347vs01. Disponível em:



<https://seer.ufrgs.br/index.php/educacaoerealidade/article/view/125347>. Acesso em: 23 jan. 2026.

SCHMITT, Lilian Alves.; PEREIRA, Marcos Villela; CARVALHO, Isabel Cristina de Moura Carvalho. Aprender sustentabilidade: caminhos de uma horta comunitária urbana do Sul do Brasil. **Devir Educação**, [S. l.], v. 8, n. 1, p. e-804, 2024. DOI: 10.30905/rde.v8i1.804. Disponível em: <https://devireducacao.ded.ufla.br/index.php/DEVIR/article/view/804>. Acesso em: 17 jan. 2026.

STENGERS, I. **No tempo das catástrofes** – resistir à barbárie que se aproxima. São Paulo: Cosac & Naify, 2015.

ZAAR, Miriam Hermi. —Agricultura urbana: algumas reflexões sobre seu origem e expansão. Biblio 3W. **Revista Bibliográfica de Geografía y Ciencias Sociales**, v. XVI, n. 944, 2011. Disponível em <http://www.ub.es/geocrit/b3w-944.htm>. Acesso em: 10 de janeiro de 2026.

